

# A Timidez Segundo a Perspectiva dos Alunos de Educação de Jovens e Adultos

## *Shyness Second Student Perspective of Youth and Adult Education*

---

**Josiane Peres Gonçalves**

Docente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Email: josianeperes7@hotmail.com

**Luzia Sestari**

Professora da Rede Municipal de Ensino de Naviraí – MS

Email: sestaruluzia@gmail.com

Entre as diversas possibilidades de investigação na área da educação, me interessei pelo tema relativo à timidez, por entender que ela pode prejudicar os alunos na escola e em outras situações da vida cotidiana. Também me embasei nas vivências pessoais e por considerar que as pessoas tímidas encontram dificuldades nas diversas convivências sociais, inclusive na escola. Assim, surgiu a necessidade de saber sobre suas origens, suas causas e as consequências que podem trazer na fase adulta, seus prejuízos no processo de construção dos conhecimentos.

Como a intenção principal desta pesquisa é estudar a timidez, tendo como prioridade pessoas adultas que já têm uma trajetória de vida e opiniões mais claras sobre o assunto, foi feita a opção por realizar o estudo em turmas de Educação de Jovem e Adulto (EJA) de uma escola pública de um município do interior do Estado de Mato Grosso do Sul. Além do mais, o índice de desistência dos alunos nas últimas décadas no Ensino Fundamental abriu portas aos cursos na modalidade da EJA. Trata-se de alunos egressos de uma sociedade que em tempo favorável (até 14 anos de idade) não conseguiram acompanhar a escola regular, ou nela concluir os seus estudos.

Em toda a minha trajetória de vida percebi que a falta de coragem em tomar atitudes e ficar sempre quieta, levou-me a refletir que pessoas com características de timidez podem ser prejudicadas na escola sofrendo emocionalmente dificuldades no processo da aprendizagem desde a sua infância, se estendendo para a vida toda. Também percebi que pode comprometer a socialização, transformando-se num adulto inseguro, infeliz e sem autonomia.

Na fase da infância, as características da timidez são visíveis na escola, desde a Educação Infantil até níveis mais elevados da educação escolar. Uma grande maioria desses alunos tímidos tem falta de coragem de enfrentar as situações desafiadoras, os professores e até os colegas de sala de aula, interferindo, portanto no seu processo de aprendizagem.

Situação semelhante aconteceu comigo, porque fui uma adolescente muito tímida não interagia com os colegas de sala de aula, tinha muita vergonha de me mostrar e também tinha muito medo dos professores. Acredito que os docentes não percebiam a minha insegurança, minha timidez e não davam atenção a esse assunto. Mesmo na fase adulta, trago comigo essa característica, tenho muito medo da opinião das pessoas e de ser avaliada negativamente. Por isso despertou-me a necessidade de pesquisar pessoas com características de timidez para ver se nos tempos atuais os alunos são diferentes e se as escolas ou os professores passaram a ter esse papel mediador.

Sabendo dos prejuízos deixados pela timidez e as barreiras que cria e como ela atua de forma semelhante em todos os indivíduos cabe fazer os seguintes questionamentos: O que é timidez? Será que escolas e o ensino formal podem ajudar os alunos tímidos? E o que pensam os alunos de EJA que se consideram tímidos sobre essas questões?

Para tentar melhor compreender sobre a problemática abordada, busquei desenvolver o presente estudo que tem por objetivo identificar a opinião de alunos de turmas de EJA sobre a timidez, procurando analisar a origem, causas e dificuldades encontradas por pessoas que se consideram tímidas. O presente trabalho tem relevância nos estudos sobre o tema, por questionar alunos tímidos, saber quais situações são difíceis para eles enfrentarem. Entendo que educação não é sinônimo de escola, e sim de família, escola e sociedade em geral, mas acredito que a escola tem um papel fundamental na vida dessas pessoas, podendo contribuir diretamente para uma melhor qualidade de vida delas.

Para melhor entender sobre a temática relativa à timidez, é importante analisar o que dizem os pesquisadores sobre o assunto, conforme a abordagem teórica apresentada na sequência.

## Conceituação da Timidez e Características da Pessoa Tímida

Muitos são os fatores que interferem no bom desenvolvimento do aluno na escola, sendo que muitos deles nem estão relacionados com as questões de inteligência e sim de interações sociais. É o caso, por exemplo, da timidez que interfere no convívio do aluno com os demais colegas e professores, interferindo no seu processo de aprendizagem. Mas o que é timidez?

De acordo com o dicionário Aurélio (1975), a timidez é assim definida: “Falta de coragem; insegurança; acanhamento; inibição”. Podemos afirmar que a inibição e acanhamento provocam insegurança e falta de coragem em diversos aspectos, inclusive em assumir erros e fracassos. E para evitar a exposição e experiências negativas, a pessoa tímida acaba se retraindo ainda mais, se afastando das relações sociais.

Segundo Souza (2011), a timidez pode ser entendida como desconforto e inibição tanto na família como no setor profissional, podendo trazer sérias consequências para essas pessoas, principalmente pela preocupação em ser julgado negativamente. Em geral, os seres humanos não aceitam julgamentos negativos, mas para quem é tímido, torna-se um problema ainda maior e muitas vezes deixam de desenvolver diversas atividades, devido à preocupação com o que os outros vão pensar.

Monjas-Casares, Caballo e Marinho (2002, p. 197) explicam que “Quando nos referimos a essa classe de comportamento, aparecem múltiplos termos como: timidez, retraimento social, inibição, introversão, isolamento, falta de assertividade, solidão etc. [...]”.

Realmente, é difícil encontrar trabalhos científicos que abordam sobre a timidez, em geral existem muitas produções jornalísticas e até mesmo algumas consideradas como literatura de autoajuda, o que dificulta aprofundar teoricamente o referido tema. Apesar dessa dificuldade, é possível encontrar em alguns poucos estudos relativos à timidez ou em outros temas semelhantes, como fobia social, por exemplo, em que se buscou o embasamento nesses trabalhos para a realização da presente pesquisa.

E baseando-se nas citações de Souza (2011) e Monjas-Casares, Caballo e Marinho (2002), é possível perceber que o assunto é um tanto polêmico deixando confusa a sua denominação e que a timidez não é uma doença, e sim desconforto ou inibição que atrapalha as relações interpessoais em âmbitos familiares, profissionais, de lazer, etc. Também Abreu, Pereira e Kessler (2008, p. 651) consideram que:

A timidez é definida como uma ansiedade ou medo em situações sociais. A diferença entre os dois está nas características. O medo possui uma característica de apreensão diante de uma ameaça real. A ansiedade possui uma característica de desconforto, com a presença da apreensão, e o medo diante de uma ameaça imaginária, vista com olhos da imaginação.

Esta colocação define as características do medo e da ansiedade, sendo que o medo que as pessoas têm do julgamento que fazem do seu comportamento, de suas atitudes não passam de preocupações desnecessárias, até porque nem tudo na vida deve ser levado tão a sério e as outras pessoas não estão o tempo todo observando ou avaliando o jeito de ser de quem é tímido. Com esse pensamento, as pessoas que se consideram tímidas poderão se esforçar para não agravar os sentimentos negativos, considerando que o problema pode levar a dores físicas, angústias, desconfortos psicológicos, isolamento e solidão. Então, o que percebemos é que a timidez fora da normalidade pode ocasionar doença, como fobia social, podendo trazer prejuízos para a integração da criança e adulto na família, na escola e na sua vida, causando um grande mal para quem tem comportamento mal adaptado para os padrões da média da população.

Quanto a fobia social, Gauer et al. (2006, p. 263) afirma que: “A definição atual de fobia social é a de um medo marcante e persistente de uma ou mais situações sociais ou de desempenho, em que a pessoa se sente exposta a desconhecidos ou a uma possível avaliação dos outros.” É interessante notar que mais uma vez a ‘opinião dos outros’ aparece como uma das formas que mais provoca medo, levando as pessoas a não se expor pra evitar ser avaliadas negativamente. O referido autor ainda enfatiza que “[...] o indivíduo teme agir de forma a demonstrar sua ansiedade e que este comportamento possa ser humilhante ou embaraçante para si”. Em relação à idade, Gauer et al. (2006) argumenta que é mais encontrada em indivíduos jovens, sendo que o pico de incidência se dá aos 15 anos, continuando para toda a vida.

Em se tratando de timidez, os estudos não têm apontado uma idade específica, apenas sugerem que ninguém nasce medroso ou corajoso, extrovertido ou introvertido, que precisa ser trabalhado adequadamente para falar em público, dependendo do seu temperamento pacato ou tímido, mas isso pode mudar, depende dos hábitos comportamentais.

Para Albisetti (1998), as pessoas não nascem tímidas, elas vão se tornando tímidas devido a um complexo de inferioridade que vivenciaram ao longo da vida. Ou seja, são as experiências de vida das pessoas que influenciam para que se tornem sujeitos tímidos e não porque nascem assim. Dessa forma, situações vividas no passado podem influenciar as relações humanas na vida futura, especialmente porque pode ocorrer o que Freud (citado por BUCK e SANTOS, 2009) denominou de transferência de sentimentos. Ou seja, cada pessoa, a partir de suas características inatas relacionadas com as experiências vividas, especialmente nos primeiros anos de vida, pode transferir sentimentos para outros, quando as situações do cotidiano são semelhantes.

Nesse sentido, Souza (2011) enfatiza que geralmente o medo de reagir diante de pessoas que representam autoridade, como professor, chefe, juiz, etc. está relacionado com a forma que costumava reagir diante dos próprios pais. Se o seu pai era muito autoritário, exigente, severo e crítico, provocando no filho o sentimento de medo e inibição, a tendência é que no futuro esse filho vá transferir essa forma de relacionamento diante de pessoas que ocupam cargos de autoridade ou que tenham um perfil de personalidade semelhante ao do seu pai. É o caso, por exemplo, da criança que tinha medo de fazer perguntas ao pai, possivelmente vá transferir esse mesmo temor ao fazer perguntas ao professor. Assim, a timidez pode ser entendida, como resultado de uma educação rígida, severa e desvalorizante por parte dos pais que contribuem para a formação da autoimagem negativa dos filhos. Ou seja, os resultados de uma educação severa, não correspondem a um mecanismo positivo, que resultem em uma boa formação para as novas gerações. Seria importante então, que as crianças participassem da vida familiar, ajudando nas tomadas de decisões, numa vivência dialogada e que houvesse a participação de todos, resultando em pessoas autônomas e capazes de expressarem suas dificuldades.

Também Crawford e Taylor (2000) relatam que a timidez está relacionada com experiências anteriores, especialmente vividas em âmbito familiar, como por exemplo: os padrões adotados pela família, se os pais são tímidos,

se passou por situações em que houve humilhações, traumas, maus tratos, repressões, etc. Os autores ainda afirmam que não se tem uma definição sobre quais sejam as causas da timidez, se nascem com pré-disposição ou se apenas adquirem ao longo da vida.

No que se refere à escola, existem alunos tímidos em todas as salas de aula, mas como eles não costumam incomodar, em geral nem são percebidos por professores e colegas e muitas vezes aprendem bem os conteúdos escolares, o que não significa que estão se desenvolvendo suas habilidades de socialização. Assim, é possível afirmar que a timidez infantil pode comprometer a aprendizagem escolar, as relações interpessoais e transformar a criança em adultos inseguros, infelizes e sem autonomia.

Em um estudo realizado por Perez (2011), em uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental que tinha 03 alunos considerados tímidos, ela chegou a algumas constatações relevantes: as crianças tímidas não recebem muita contribuição na interação e nos aspectos sócio afetivo; apresentam dificuldade no relacionamento com os colegas e professor; tem vergonha de expor a opinião. Quanto às atividades pedagógicas, a autora percebeu que são sempre as mesmas e rotineiras, não proporcionando momentos de interação e não favorecendo a superação para minimizar a timidez.

Dessa forma, é importante que os profissionais da educação percebam que o assunto relativo à timidez, é um problema que deve ser observado com mais atenção. Uma das formas de ajudar os alunos é observar o comportamento de cada um, e motivar mesmo aqueles que são tímidos a participar dos eventos culturais da unidade escolar. Para Samulski (2002), a motivação é o que move uma pessoa, levando-a a mudar o seu objetivo e isto ocorre por um processo ativo, intencional, e depende de fatores intrínsecos e extrínsecos. Pode também ser entendida como um motivo que leva a ação e isto é um fator que dá início, dirige e integra o comportamento de uma pessoa.

Muitos professores na prática diária acabam por estigmatizar os alunos tímidos como crianças que não colaboram em nada para a melhoria da dinâmica em sala, marginalizando a participação destes, rotulando-os como (bonzinhos inofensivos e como exemplos a serem seguidos), colaborando com a tentação de abandonar a escola, a propensão de desanimar. Por essa razão não se deve tirar conclusões na base de ocorrências esporádicas e de julgamentos apressados.

Da mesma forma, deve-se evitar interpretações preconceituosas como: criança mimada, criança bloqueada, criança agressiva, criança imatura etc.

A criança cresce, desenvolve a atenção voluntária que possibilita a ação prolongada, organizada a partir de regras que são colocadas por fontes externas, neste período, também, a criança se interessa muito pelos colegas, constituindo grupinhos de amizade que passa a ter papel relevante em suas ações. Surge, assim, importância de grupo. Os diferentes segmentos da sociedade, os diferentes grupos de pessoas que encontramos ao longo da vida escolar, a realidade em sala de aula quando formamos grupos de estudos, nos coloca na necessidade de mudança de pensamento de comportamento que muitas vezes, contraria os conceitos familiares e que no período de desenvolvimento que coincide com a entrada de criança no ensino fundamental (por volta do 7º ao 8º ano de vida, ou seja, após completar, respectivamente 6 e 7 anos) ocorrem algumas mudanças importantes em seu cérebro que vão afetar, diretamente, sua atuação na escola. (LIMA, 2008, p.36).

Vale lembrar que com essas mudanças que ocorrem nas crianças nessa idade e a necessidade de enfrentar todos os seguimentos da sociedade, é de muita importância o cumprimento de regras adotadas, para compreender que a vivência em grupo exige que a pessoa respeite o espaço do outro gerando assim, trabalhos coletivos. Nesse aspecto a escola tem um papel relevante, principalmente quando recebe alunos adultos em períodos noturnos, como é o caso dos jovens e adultos da EJA.

A escola é um espaço que favorece as pessoas nas diversas oportunidades de interação, nas tentativas de novas amizades, o incentivo em atividades com os pares, organização de grupos e trabalhos coletivos, que abre para novas formas de pensamentos e agregando novos conceitos, e principalmente leva o aluno ao seu desenvolvimento através da educação elementar e com disciplinas que desenvolvem a arte, a cultura e o físico, de forma criativa deixando que o corpo fale com danças e expressões motivadoras, cativando cada vez mais a participação em toda a sua vida escolar.

Considerando que, algumas pessoas conseguem facilmente essa integração, outros conseguem parcialmente, outros resultam em tentativas frustrante e desanimadora, fazendo com que seus pensamentos se voltam para o trabalho informal como prioridade na sua vida. Com o passar dos tempos ela retoma esses pensamentos e o desejo de novas oportunidades de escolarização, entra novamente o papel importante da escola em oportunizar essas pessoas a retomarem suas atividades escolares, agora em sua fase jovem ou adulto.

## Algumas Considerações sobre Alunos de EJA

Em geral as pessoas que buscam a escolaridade através das turmas de EJA são trabalhadores de classes populares. Devido a uma sociedade vulnerável, muitos jovens são afetados pelo desemprego, o trabalho informal, o peso de ser chefe da família muito cedo, fazendo com que se afastem da escola ou que retomem sua trajetória escolar no período noturno e na EJA. Segundo Arroyo (2007, p. 5):

A juventude, os adolescentes e os adultos populares estão, hoje, mais demarcados pela concretude de suas histórias de vida, de seu trabalho, de suas maneiras de sobreviver em um presente que essa é mais importante que o futuro. Qualquer tentativa educacional que proponha enquadrar esses sujeitos em categorias muito amplas os desfigura, do mesmo modo que qualquer forma de educação generalista os distancia. Logo, reconstruir essa trajetória nos leva a questionar em que medida foi possível partir da vida humana para pensar os currículos, os tempos, os saberes e, sobretudo, as imagens que vêm sendo construídas sobre o que é ser jovem e adulto da EJA. Educadores, educandos, pesquisadores e gestores devem buscar os caminhos que articulem a vida concreta dos sujeitos da EJA e suas especificidades, para a partir daí construir um currículo e uma escola que possam atender as suas necessidades.

É inquestionável a importância de um ambiente escolar que favoreça a convivência harmoniosa entre os seus integrantes, seja para a promoção da aprendizagem em sala de aula, seja para a formação do educando de modo geral. As tentativas de diferentes Projetos voltados para as necessidades dos jovens e adultos deixam em evidência a falta de institucionalidade e continuidade das políticas públicas desta modalidade de ensino.

Cada vez torna-se mais claro que as necessidades básicas de aprendizagens dessa população só podem ser satisfeita por uma oferta permanente de programas que, sendo mais ou menos escolarizados, necessitam institucionalidade e continuidade, superando o modelo dominante nas campanhas emergenciais e iniciativas de curto prazo. (HADDAD e DI PIERRO, 2000, p.126).

É evidente a necessidade de políticas voltadas para esse público alvo para um trabalho em que professor de acordo com a sua formação possa desenvolver atividades e mecanismos que possa resultar no desenvolvimento do sujeito em todas as suas esferas.

Seria oportuno lembrar que a função pedagógico-didática se refere ao papel de avaliação no cumprimento dos objetivos gerais e específicos da edu-

cação escolar. Ao se comprovar sistematicamente os resultados do processo de ensino, evidencia-se ou não o atendimento das finalidades sociais do ensino, de inseri-los no processo global de transformação social e de propiciar meios culturais de participação ativa nas diversas esferas da vida social. (LIBÂNIO, 1994, p. 196).

Em conformidade com a declaração do referido autor, o processo de ensino vai muito além de transmitir conhecimento, o professor deve ter uma relação confiável com seu aluno que garanta uma afetividade dentro da escola, na sala de aula, no recreio, nos passeios fora da sala, para que ele tenha a capacidade de percepção de seu comportamento.

A avaliação é uma grande responsabilidade na vida dos professores, é neste momento que se deve ter cuidado ao avaliar somente a participação representada por lápis e papel, não considerando a sua participação total: sua representação corporal, e sua oralidade. Sob essa ótica, Demo (2004, p.102) argumenta que:

[...] a avaliação no processo de ensino e aprendizagem, faz com que o professor decida o seu trabalho e avalie de forma qualitativa fazendo com que seja avaliada cotidianamente, uma avaliação diagnóstica no início, durante e no final do desenvolvimento de suas aulas, ou não apenas nas aulas, mas nos contatos, na classe, e no recreio, observando às atitudes, a interação, as amizades e acompanhando o crescimento do aluno ao longo dos anos, o professor observador tem condições de tomar novas decisões.

Seria muito importante se houvesse maior interesse por parte do professor em interagir com o aluno que demonstra comportamentos característicos de pessoa tímida, procurando com frequência para conversas ou diálogos e se possível, acompanhar e avaliar o seu desenvolvimento, observar seus grupos de amigos, sua linguagem, seus gostos, gestos e hábitos, para posteriormente de forma interdisciplinar poder ajudá-lo conduzindo e objetivando a um resultado positivo na sua vida futura.

## Procedimentos Metodológicos

Para o desenvolvimento deste estudo busquei investigar a percepção dos alunos de EJA em relação à timidez, verificando em que situação ela mais prejudica o seu desenvolvimento, e se eles acreditam que a escola pode fazer

um trabalho para amenizar o problema da timidez. Para a realização da coleta de dados, utilizei um questionário com questões abertas e fechadas, caracterizando-se, portanto como uma pesquisa de natureza qualitativa e quantitativa.

De acordo com André (2005), as pesquisas qualitativas são exploratórias, pois estimulam os entrevistados ou questionados a pensarem livremente sobre algum tema, objeto ou conceito. Tem o objetivo de forçar o surgimento de aspectos subjetivos e atingem motivações não explícitas, ou mesmo conscientes, de maneira espontânea. São usadas quando se busca percepções e entendimento sobre a natureza geral de uma questão, abrindo espaço para a interpretação.

Já as pesquisas quantitativas têm como objetivo descobrir quantas pessoas de uma determinada população compartilha de uma característica ou um grupo de características. Ela é especialmente projetada para gerar medidas precisas e confiáveis que permitam uma análise estatística. Uma análise quantitativa apresenta os dados em percentuais. As pesquisas quantitativas são bastante utilizadas durante as eleições, onde a partir de uma amostragem da população é possível quantificar as preferências do eleitorado (ANDRÉ, 2005).

A pesquisa foi realizada em uma Escola Estadual, de um município do interior do Estado de Mato Grosso do Sul, que funciona turmas da EJA que são desenvolvidas em forma de Projeto EJA. Assim distribuídas:

- Turma A: Fase Única do Ensino Fundamental Inicial, correspondente aos 6º e 7º ano.
- Turma B: Ensino Fundamental, correspondente aos 8º e 9º ano.
- Turmas C e D: Fase única do Ensino Médio Inicial.
- Turmas E e F: Fase Intermediário Final do Ensino Médio.

Em contato com os estudantes e com a autorização da direção da escola pude com facilidade obter dados importantes para a minha pesquisa e chegar à análise com base nos estudos realizados em artigos científicos e livros.

Os procedimentos que utilizei para coletar os dados foram: primeiramente visitei a escola com um documento de autorização endereçado à diretora da Unidade Escolar. Chegando, fui recebida com muita atenção, me permitindo fazer a pesquisa com os alunos. Foi marcado o dia e a hora para a

aplicação do questionário de pesquisa. No dia e hora marcada, cheguei até à escola me apresentei, o coordenador delegou uma pessoa para me acompanhar nas salas de aula, me apresentar e assim, conversar com os entrevistados. Iniciei com a minha apresentação e pedi que eles me ajudassem respondendo o questionário para que eu pudesse concluir o meu curso de Pedagogia. Disse também que ficaria muito feliz se pudesse contar com a ajuda importante deles, que seriam perguntas fáceis, abertas e fechadas e que até poderiam ajudá-los indiretamente. Entreguei os questionários individualmente, foi aplicado pelo professor que atuava na sala de aula naquele momento, foi dado mais ou menos uma hora para responderem. Passado o tempo, voltei em todas as salas que tinha deixado os questionários para recolhê-los.

Foi entregue em todas as salas de aula 80 (oitenta) questionários. Foram preenchidos 62 (sessenta e dois); devolvidos em branco 09 (nove). Totais gerais respondidos e recolhidos das turmas A, B, C, D, E, e F foram 71 (setenta e um). Desconsiderando branco, total Geral de 62 (sessenta e dois) questionários que foram analisados para chegar ao resultado da pesquisa de campo. Por fim, fiz a análise e sistematização dos dados, cujos resultados são apresentados na sequência.

## Resultados e Discussão

A primeira questão que aparecia no questionário era sobre o conceito de timidez, segundo a opinião dos alunos. Em relação ao questionamento “O que é timidez para você?” as respostas predominantes relacionavam-se com a questão do medo, com os problemas relativos às interações sociais e ainda outras dificuldades enfrentadas por pessoas tímidas.

Em relação ao medo, os alunos de EJA assim relataram sobre a timidez:

- “É a falta de coragem para agir, ou para dizer algo.” (masculino, 29 anos)
- “É não ter coragem de chegar a outra pessoa e falar dos problemas que carrega em si mesmo.” (feminino, 38 anos)
- “Só fica olhando com medo de falar.” (feminino, 32 anos)
- “A pessoa fica com medo e calada (feminino, 18 anos)
- “É um medo que impede de se comunicar com desenvoltura e tomar iniciativas.” (feminino 51 anos)

- “Tem medo de mostrar quem é ela mesma.” (feminino, 19 anos)
- “Não tem coragem de ser espontânea.” (feminina, 18 anos)
- “É ter medo de expressar suas ideias e também não poder ajudar as pessoas em nada (masculino, 19 anos)
- “É muito difícil expor para a sociedade e ter medo das zoações dos próprios amigos.” (Masculino, 21 anos)
- “Ter medo de fazer uma pergunta e levar uma má resposta.” (feminino, 31 anos)
- “É ter medo até de reclamar dos seus direitos.” (masculino, 32 anos)
- “É ter medo de tudo”! (feminino, 40 anos)

Como vimos nas repostas dos entrevistados, a característica da timidez está bem ligada à palavra medo, independente de ser jovem de 15 anos de idade ou de adultos de 40 anos, o medo continua se fazendo presente. Nesse sentido, Abreu, Pereira e Kessler (2008, p.651) relatam que “[...] o medo possui uma característica de apreensão diante de uma ameaça real”. E Gauer et al. (2006) consideram que o medo é mais encontrado em indivíduos jovens, sendo que o pico de incidência se dá aos 15 anos de idade, continuando para toda a vida.

Outros alunos tiveram concepções diferenciadas sobre a timidez, especialmente em relação ao contexto social, ou limitações diante das diversas interações sociais que devem ser estabelecidas em todos os contextos da vida humana. Entre as principais repostas, destacam-se:

- “A pessoa que fica só e não gosta de se comunicar.” (feminino, 19 anos)
- “É vergonha de falar.” (feminino, 19 anos)
- “É muito triste, não dá vontade de ir à escola porque pensamos que ninguém gosta da gente.” (feminino, 24 anos)
- “Não conseguir expressar em público.” (masculino, 30 anos)
- “É não ter amigos e nas entrevistas de emprego na maioria das vezes não é contratado.” (feminino, 18 anos)
- “É ter vergonha de ler em público.” (feminino, 21 anos)

- “Não conseguir expressar seus sentimentos e desejos.” (masculino, 50 anos)
- “É não ter diálogo e nem amizades.” (feminino 55 anos)
- “É se fechar para o mundo cada vez mais.” (masculino, 38 anos).

Como bem diz Perez ( 2011), quando relata que os alunos tímidos não recebem muitas contribuições nos aspectos sócio afetivo, a escola não oferece possibilidades para que haja superação da dificuldade de se expressar em público, da vergonha desenfreada de interação e socialização que é papel da educação infantil quanto se trabalha formação da identidade lá na primeira infância. Com essas dificuldades, acaba por ser prejudicado sentindo sensações de autoestima baixa.

Outros ainda complementaram sobre a timidez:

- “É constrangedor e prejudica muito.” (masculino 27 anos)
- “Impede a gente de muitas coisas é um sentimento de humilhação.” (feminino, 32 anos)
- “A pessoa acha que a ideia da gente é cafona.” (feminino, 22 anos)
- “A gente se cala e sofre com isso.” (masculino, 38 anos)
- “É muito ruim e cada dia é uma batalha para enfrentar.” (feminino, 37 anos)
- “Acho que o tímido deve ser tratado com psicólogo.” (masculino, 19 anos)
- “A pessoa sofre quando tem que ficar em certas repartições.” (feminino, 48 anos).

Com as respostas do questionário, percebemos que tanto alunos do sexo masculino como o do sexo feminino em diferentes faixas etárias, as expressões são de forma muito semelhante, em relação ao aspecto relativo ao conceito da pessoa tímida.

Provavelmente, foi baseado nesses conceitos iniciais que os alunos responderam se eles se consideravam uma pessoa tímida. Entre o total de entrevistados, 48% responderam que se consideram tímidos, 44% disseram que não se consideram tímidos e 8% afirmaram que depende, conforme gráfico 1.

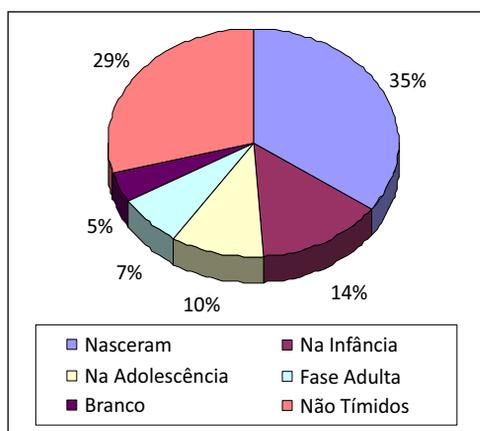
**Gráfico 1:** Quantos alunos se consideram tímidos



Fonte: Autora, 2013.

É interessante notar que quase a metade dos alunos se considera tímido, porém quase a mesma quantidade disse que não é tímido. No entanto, ao serem questionados sobre quando surgiu a própria timidez, apenas 29% marcaram a opção “não sou uma pessoa tímida”. Ou seja, na questão anterior 44% afirmaram que não se consideram tímidos e ao mencionar sobre a origem da timidez, somente 29% continuaram afirmando que não são tímidos, conforme gráfico 2.

**Gráfico 2:** Quando surgiu a timidez

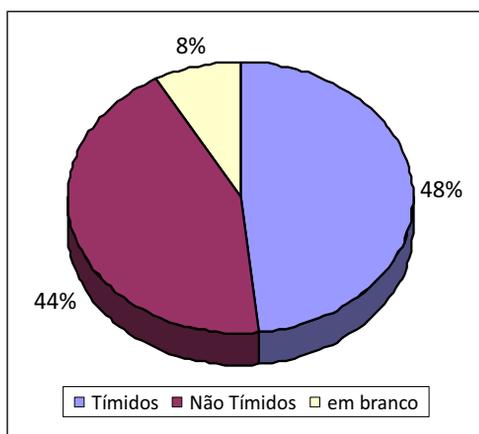


Fonte: Autora, 2013.

Entre os alunos pesquisados que se consideram tímidos, 35% entendem que é inato ou já nasceram assim e não dá pra afirmar se estão corretos ou não, uma vez que não há consenso entre os pesquisadores. Crawford e Taylor (2000), por exemplo, mencionam que não se sabe se as pessoas nascem com pré-disposição para serem tímidas ou se vão se tornando ao longo da vida. Já Albisetti (1998) entende que as pessoas não nascem tímidas, elas precisam ser trabalhadas adequadamente. Afirma também que as pessoas vão se tornando tímidas devido a um complexo de inferioridade e que a experiência vivenciada influencia ao longo da vida. Para os participantes desta pesquisa, apenas 7% acreditam que a timidez surge na idade adulta, 10% na adolescência e 14% na infância, evidenciando que para a maioria dos pesquisados que se dizem tímidos, tal característica não é recente, tendo surgido em fases anteriores da vida ou nasceram assim.

Outra indagação do instrumento de pesquisa referia-se a existência de pessoas tímidas nas famílias dos pesquisados e em caso afirmativo, deveriam responder quem era o membro da família. Entre os 62 pesquisados, quase a metade (48%) disseram que sim, que possuem outros parentes que também são tímidos, conforme gráfico 3.

**Gráfico 3:** Existência de pessoas tímidas nas famílias



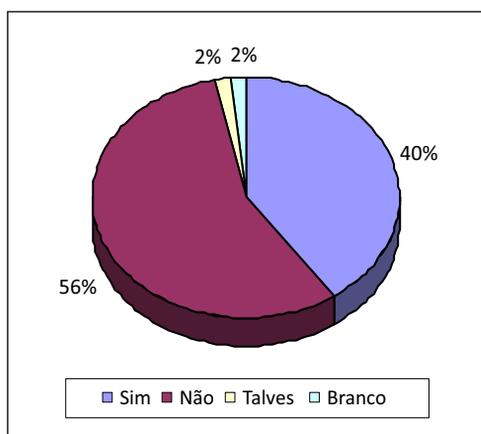
Fonte: Autora, 2013.

Quanto aos membros da família que também são tímidos, as respostas mais frequentes foram pais, irmãos e primos. Esses dados indicam que as características da timidez podem ser, segundo a opinião dos entrevistados, de

ordem genética. A criança já nasce com a pré-disposição, somada a convivência da família com essas características, a tendência é que ela seja reforçada ao longo da vida, dificultando o seu relacionamento no trabalho, na escola, no namoro e nas festas em geral. Para Souza (2011), o medo de fazer perguntas aos pais e o medo de autoridades e chefes, é resultado de uma educação severa que tiveram, não sendo, portanto, considerado um problema genético. Já Crauford e Taylor (2000) consideram que há uma relação com os padrões adotados pela família, ou se os pais também são tímidos, ou se a pessoa passou por situações em que houve humilhações, traumas, maus tratos, ou repressões.

Uma das questões que os participantes responderam foi se declamaria um verso ou uma estrofe de uma música para os colegas de sala e o resultado surpreende porque mais da metade (56%) disseram que não, conforme gráfico 5.

**Gráfico 4:** Declamaria um verso ou estrofe música em sala de aula



Fonte: Autora, 2013.

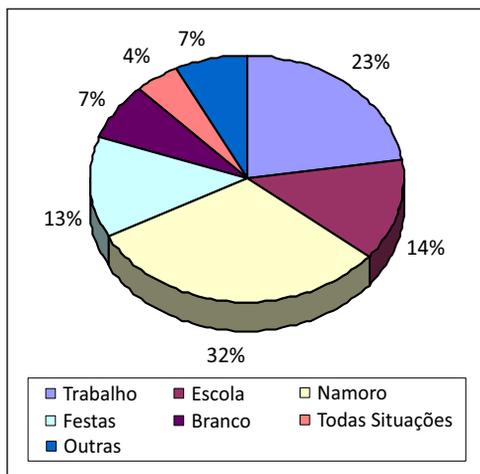
Entre as 27 pessoas que disseram que não declamaria um verso ou uma estrofe de uma música para os colegas de sala, 05 (cinco) são donas do lar; 03 (três) secretária administrativa; 02 (duas) são apenas estudantes; 02 (duas) vendedora; 02 (dois) operador de máquinas; 02 (dois) autônomo; 01 (uma) cabelereira; 01 (um) gerente de obras; 01 (uma) manicure; 01 (um) desossador de bovinos; 01 (um) pintor de carro; 01 (uma) camareira; 01 (um) auxiliar de serviços diversos; 01 (um) diarista; 01 (um) eletro mecânico; 01 (um) comerciante; 01 (um) balanceiro).

As 19 (dezenove) que disseram que sim, que declamaria é: 03 (três) donas do lar; 03 (três) vendedora; 03 (três) estudante; 02 (dois) diarista; 01 (um) auxiliar de produção; 01 (um) retificador de motor; 01 (um) maquinista; 01 (um) assistente de produção; 01 (um) diretor de televisão; 01 (um) gerente; 01 (um) treinador; 01 (um) desossador de bovino. O restante dos entrevistados que não foram relatados, deixou em branco o campo do espaço de declarar sua profissão.

É importante destacar que a maioria dos alunos se considerava tímida e vários outros diziam que não eram. Porém, entre os que afirmaram que não eram tímidos, alguns foram contraditórios porque também disseram que não teriam coragem de enfrentar a sua turma de sala de aula para declamar um verso ou cantar a estrofe de uma música. Ou seja, teoricamente defendem uma ideia e na prática age de forma diferente, evidenciando que não tem certeza de que estão isentos de características relativas à timidez, como os demais colegas do grupo.

Quando indagados, através do questionário, sobre qual situação do cotidiano seria mais difícil de enfrentar, as respostas foram variadas, predominando a questão afetiva (namoro) com 32%, seguidas de trabalho com 23%, escola com 14% e festa com 13% (gráfico 4).

**Gráfico 5:** Situações mais difíceis para pessoas tímidas



Fonte: Autora, 2013.

Como pode ser evidenciado através do gráfico, 45% apresentam dificuldades em relação a namoro, (relacionamento amoroso). Isso pode estar ligado ao fato de compromisso com a outra pessoa, o que não descarta a possibilidade de que o medo de enfrentar situações novas, como é o caso do namoro, noivado e casamento. Também no trabalho e na escola as pessoas tímidas encontram diversas dificuldades, podendo inclusive interferir nos resultados obtidos.

Uma das questões abertas pedia para os alunos escrever sobre alguma situação que ocorreu e que se sentiram muito tímidas. As respostas foram variadas, surgindo relatos sobre escola, consulta médica, namoro, casamento e trabalho.

Uma aluna de 31 anos relatou: “Foi quando fui fazer meu primeiro exame ginecológico, eu tremia demais”. O outro aluno de 25 anos disse: “ Foi o dia que precisei de entrar na passarela do meu casamento, onde todos ficaram me olhando”. Já um de 23 anos mencionou que: “Quando eu pedi para ficar com uma menina, ela aceitou, mas eu não sabia como puxar um assunto com ela”. Outra de 18 anos escreveu: “Quando eu estudava no estudo regular, eu era a maior e a mais velha de todos os alunos. No começo do ano eu já fiquei com muita vergonha de estudar, ai eu parei os estudos, esperei completar 18 anos para fazer a EJA. Agora tá tudo bem”. Uma aluna de 21 anos expressa que: “Senti-me tímida numa entrevista de trabalho”. Outra de 31 anos relatou: “Muitas coisas, como explicar um trabalho na sala de aula”.

Esses dados levam a crer que a grande maioria das pessoas sente-se tímidas, quando precisam ficar frente a frente com a outra pessoa. Nesse sentido, Souza (2011) enfatiza que “[...] geralmente o medo de reagir diante de pessoas que representam autoridade, como professor, chefe, juiz, etc. está relacionado com a forma que costumava reagir diante dos próprios pais”. Ou seja, uma educação muito rígida e severa pode afastar os filhos do diálogo, da educação amiga, trazendo mais tarde sensação de medo e causando afastamento de ambos.

Também uma das questões abertas era para verificar a opinião dos alunos sobre se é possível diminuir ou acabar com a timidez. Para a maioria dos pesquisados, ela inicia na fase escolar em que a criança necessita da outra para as relações pessoais. A criança aos poucos vai aprendendo a lidar com a

situação, até chegar aos 15 anos que aponta o pico alto das características, depois desse período, muitas delas mudam seu comportamento, acentuando a característica de timidez. As pesquisas apontam que não se tem uma definição dos motivos que causam timidez, nem se ela poderá diminuir ou acabar ou se depende de terapias para superar esses medos ou até mais atenção ao assunto como bem aponta Souza (2011) e Monjas-Casares, Caballo e Marinho (2002). É possível perceber que o assunto é um tanto polêmico deixando confusa a sua denominação e que a timidez não é uma doença, e sim desconforto ou inibição que atrapalha as relações interpessoais em âmbitos familiares, profissionais, de lazer, etc.

Como é o caso da aluna de 20 anos que assim descreveu: “Sim, é possível acabar com a timidez, através de muita conversa”. Outra aluna argumentou: “Acho que não tem cura”. A outra aluna de 18 anos registrou: “Eu acredito que a pessoa que é tímida, ela vai ser sempre tímida, ela pode interagir, conversar, mas, não vai ser aquela pessoa que chega”. Outro registro: “Participar de palestra de motivação”. (masculino, 35 anos).

Outros comentaram sobre ter ajuda de algum profissional para minimizar ou acabar com a timidez, conforme os seguintes relatos: “Através de conversas e com a ajuda de um psicólogo.” (masculino, 30 anos); “Procurando ajuda de pessoas preparadas para lidar com as pessoas tímidas.” (feminino, 22 anos); “Não, só com ajuda de um profissional.” (masculino, 21 anos); “Com psicólogo e tratamento rígido!” (feminino, 37 anos).

A última questão aberta era sobre o que a escola poderia fazer para ajudar os alunos tímidos. As respostas foram variadas, porém as ideias que mais predominaram foram as seguintes:

- Ajuda de psicólogos (11 alunos);
- Promover palestras abordando o assunto de timidez (10 alunos);
- Trabalhos em grupo (09 alunos);
- Apresentar trabalhos em grupo na sala de aula (09 alunos);
- Teatros e Esporte (06 alunos);
- Necessita de diálogo professor/aluno “conversa” (10 alunos);
- Brincadeiras (04 alunos).

Outras respostas chamaram-me a atenção foram que 13 (treze) responderam que devem ter paciência, e evitar “constrangimento com a gente”, outros responderam que promover viagens e “mais amor”.

Considerando as declarações dos entrevistados de que as escolas podem ajudar os seus alunos desenvolvendo projetos voltados para o assunto de timidez, e que eles esperam um trabalho visando ajudar a superar o problema que é um grande causador de prejuízos em seu desenvolvimento social. Sabemos que a escola é um lugar ideal e tem um mecanismo eficaz com capacidade para desenvolver trabalhos garantindo a participação de todos os alunos como bem diz Crawford e Taylor (2000, p.18) “Pessoas confiantes, com alto nível de autoestima, são capazes de perseguir seus sonhos e objetivos”. A escola precisa despertar para essa grande oportunidade de conscientização dos males causados pela timidez e que se ela se manifestar fora da normalidade, pode vir a transformar em doença trazendo desvantagens em relação aos outros alunos. O educador também é responsável pela formação do aluno em sua totalidade, ele deve ser conhecedor do seu papel diante do problema.

## Considerações Finais

Chegando aos objetivos propostos neste estudo de pesquisa sobre a timidez em crianças, adolescente e adulta, é possível afirmar que as características deixadas pela timidez causam desconforto, medo, angústias e retroação social, que essas pessoas se mostram incapazes de receber críticas frente a situações diversas.

Entre as pessoas que participaram dessa pesquisa, a maioria se considera tímidos, entendem que já nasceram tímidos ou que surgiu na infância ou adolescência causando prejuízos nas relações sociais. E uma grande maioria delas acredita que a timidez possa ser superada com ajuda de profissionais; com maior atenção por parte da escola; valorizar seu trabalho e suas opiniões.

Sabendo da importância de se trabalhar esse assunto e garantir que aos alunos com característica da timidez, possam frequentar as escolas tendo a certeza de que ela está aberta a ajudar, dando total segurança de uma escola voltada para a inclusão de todas as necessidades de sua clientela, podendo fazer parte do desenvolvimento físico, emocional e intelectual dos alunos.

Esse número de alunos com timidez evidencia que o assunto é merecedor de maior atenção por parte da escola, devendo o assunto fazer parte dos conteúdos abordados pela escola de forma a trabalhar atividades diferenciadas garantindo a participação total e ativa dos alunos, considerando que a timidez pode atrapalhar o desempenho dos alunos. Se trabalhado o assunto de forma interdisciplinar poder-se-ia chegar ao objetivo para melhorar a qualidade de vida dessas pessoas.

---

**RESUMO:** O presente estudo tem por finalidade identificar a opinião de alunos de turmas de Educação de Jovem e Adultos (EJA) sobre a timidez, procurando analisar a origem, causas e dificuldades encontradas por pessoas que se consideram tímidas. Além da pesquisa bibliográfica, norteada por estudos científicos sobre o assunto, foi realizada também uma pesquisa de campo de natureza qualitativa e quantitativa. O instrumento utilizado foi um questionário com questões abertas e fechadas e a coleta de dados foi realizada em uma escola pública de um município do interior do Estado de Mato Grosso do Sul. Do total de 80 questionários que foram distribuídos, 09 (nove) não foram devolvidos, 09 (nove) foram entregues em branco e os 62 (sessenta e dois) que estavam respondidos constituíram a amostragem de participantes que fazem parte desta pesquisa. Os resultados apontam que é preciso redimensionar os conteúdos, as práticas nas salas de aula dos jovens e adultos, favorecendo a participação ativa dos sujeitos com características de timidez nas escolas e na sociedade em que participa. Podendo-se concluir pelos estudos realizados, que a timidez é um entrave na vida dessas pessoas causando prejuízos em sua formação enquanto cidadão.

**Palavras-chave:** timidez; Jovens e adultos; escola.

**ABSTRACT:** This study aims to identify the opinion of students of Education Classes for Youth and Adults (EJA) over timidity, assessing the origin, causes and difficulties encountered by people who consider themselves shy. Besides literature, guided by scientific studies on the subject, was also conducted field research for qualitative and quantitative nature. The instrument used was a questionnaire with open and closed questions and the data collection was conducted in a public school in a municipality in the state of Mato Grosso do Sul. From the total of 80 questionnaires distributed, 09 (nine) were not returned, 09 (nine) were delivered in white and the 62 (sixty-two) that were answered were the sampling of participants who are part of this research. The results show that it is necessary to resize the content, practices in classrooms of young people and adults, encouraging the active participation of subjects with features of shyness in schools and society in which it participates. Can be concluded by studies that shyness is a barrier in their lives causing damage in their training as citizens.

**Keywords:** shyness; youth and adults; school.

## Referências

- AURELIO (1975) [www.dicionario Aurélio.com](http://www.dicionario Aurélio.com) Acesso em 03/jun.2013
- ABREU.E.V; PEREIRA.L.T.Z; KESSLER.E J. Timidez e Motivação em Indivíduos Praticantes de Dança de Salão. **Conexões**: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 6, ed. especial, p. 649-664, jul. 2008.
- ALBISSETTI, V. **Pode-se vencer a timidez?** São Paulo: Paulinas, 1998.
- ANDRÉ, M. E. D. A. **Estudo de caso em Pesquisa e Avaliação Educacional**. Brasília: Líber Livro, 2005.
- ARROIO, M. Balanço da EJA: o que mudou nos modos de vida dos jovens-adultos populares? **REVEJ@** - Revista de Educação de Jovens e Adultos, v. 1, n. 0, p. 1-108, ago. 2007.
- BUCK, M. B.; SANTOS, J. W. A Transferência na Sala de Aula. **Revista Científica Eletrônica de Psicologia**. Ano VII, nº 13, nov. 2009.
- CRAWFORD, L.; TAYLOR, L. **Timidez, esclarecendo suas dúvidas**. São Paulo: Agora, 2000.
- DEMO, P. **Ser Professor é Cuidar que o aluno aprenda**. 2ª Edição Porto Alegre: 2004.
- GAUER, G. J. C.; ZOGBI, H.; BEIDEL, D. C.; RODRÍGUEZ, J. O. Fobia social na infância e adolescência: Aspectos clínicos e de avaliação psicométrica. **Psico**. Porto Alegre, v. 37, n. 3, p. 263-269, set./dez. 2006.
- HADDAD, Sérgio, DI PIERRO, Maria Clara. **Escolarização de jovens e adultos**. Disponível em [www.redalyc.org](http://www.redalyc.org). Acesso em 03/09/2013.
- LIBÂNEO, J. C. **Didática** – São Paulo: Cortez, 1994. (coleção Magistério).
- LIMA, E. S. **Indagações sobre currículo**: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.
- MONJAS-CASARES, M. I. ; CABALLO, V. E. ; MARINHO, M. L. A criança tímida e retraída. **Pediatric Moderna**. São Paulo - Brasil, v. 38, n.5, p. 196-201, 2002.
- PEREZ, J. B. L.; DIAS, M. A. D. Crianças tímidas: aprendizagem da criança tímida e sua relação nos aspectos sócio afetivo. **Eventos Pedagógicos**. v.2, n.2, Ago./Dez. 2011, p. 102–111.
- SAMULSKI, D. **Psicologia do esporte**. Barueri: Manole, 2002.
- SOUZA, K. C. C. A Timidez Como Entrave Emocional Patológico: levantamento quanti-qualitativo dos relatos de pacientes atendidos na clínica-escola de Psicologia em uma faculdade da rede privada. **Visão Acadêmica**. Universidade Estadual de Goiás. Mai. 2011.

RECEBIDO EM MARÇO DE 2015  
APROVADO EM JUNHO DE 2015